



Projeto G.A.M.E.

BOLETIM MENSAL PARA CONTRIBUIDORAS

ÍNDICE

01 – APRESENTAÇÃO	2
02 – RESUMO DO MÊS	3
03 – PRESTAÇÃO DE CONTAS	5
04 – INDICAÇÃO DO MÊS	6
05 – CURIOSIDADES HISTÓRICAS	8

APRESENTAÇÃO

Olá, você tem estado feliz?

Você está recebendo esse boletim pois contribuiu com o financiamento coletivo do Projeto G.A.M.E. A ideia é que você receba-o junto com o e-mail que é enviado todo mês para as pessoas que contribuíram.

Nesse boletim virá sempre:

- Um resumo das atividades do projeto no mês;
- Uma cópia da prestação de contas disponível no blog;
- Divulgação de qualquer evento relacionado ao projeto;
- Uma indicação de conteúdo feita por mim, Marcus;
- Um resumo de duas biografias e um episódio histórico.

Qualquer dúvida, crítica ou sugestão, estou sempre aberto para o diálogo, principalmente com vocês que, de alguma forma, acreditaram no projeto. A melhor forma de entrarmos em contato, para mim, é por e-mail (marcusfoliveira@gmail.com), mas se para você outra forma for melhor, podemos providenciar algo, basta dizer.

RESUMO: JANEIRO DE 2019

No primeiro mês do ano as aulas foram no último final de semana; como quem está acompanhando o projeto sabe, no último mês do ano anterior as aulas foram no primeiro final de semana. Isso separou as aulas quase dois meses, o que, na minha concepção, acabou por atrapalhar um pouco em alguns pontos; em relação ao Projeto, o maior problema é que, sendo as aulas no último final de semana do mês, fica pouco tempo para gerar os relatos, fazer a prestação de contas e aprontar o boletim. Por conta disso, enquanto escrevo esse boletim ainda não fiz os relatos das aulas de janeiro/2019, mas a prestação de contas já está disponível no blog. Outra coisa que percebi é que ajuda muito no estudar e gerar os relatos se as aulas forem gravadas; primeiro eu só achei isso, pensei em levar o gravador mas não o fiz mas, por sorte, no mês anterior uma outra aluna gravou uma das aulas no celular e pude perceber como, realmente, é bem melhor dessa forma. Vou ver se me organizo para sempre gravar as aulas a partir de agora.

Nesse mês tivemos apenas a disciplina “Análise do Caráter I” no sábado, mas ocupando os dois horários; o Pedro, professor de “Introdução ao Pensamento Reichiano”, não poderia dar a aula nessa data e, ainda em outubro, na reunião de formação da nova turma, ficou combinado que agora em janeiro seriam as duas aulas de “Análise do Caráter I” e que em fevereiro seriam duas aulas de “Introdução ao Pensamento Reichiano”. Foi um formato interessante, coincidiu com a leitura dos maiores capítulos da primeira parte do livro e achei que essa “imersão” funciona melhor para o aprendizado.

Nessa aula trabalhamos os capítulos III, IV e V da primeira parte do Análise do Caráter; na verdade não exatamente trabalhamos eles, mas sim foi pedida a leitura deles, mas embora não tenhamos seguidos o esquema das aulas anteriores de leitura dos textos em aula, acredito que demos conta do capítulo III e de parte do IV; como ainda temos duas aulas da disciplina e essa parte vai até o capítulo VI, acredito que o programa está indo bem e conseguiremos fechá-lo sem problemas.

O capítulo III é dedicado à técnica de análise das resistências que, segundo Reich, é parte fundamental do trabalho psicoterapêutico. A resistência seria aquele comportamento ou conjunto de comportamentos que surgem no

analisando durante a terapia e “impedem” o desenrolar do processo – essa não é uma definição precisa, mas ser para os fins desse resumo. Para Reich, de nada adianta interpretar um conteúdo que tenha uma resistência relacionada a ele; no trabalho terapêutico reichiano, então, primeiro se analisam as resistências buscando dissolvê-las para, só então, se analisar o caráter.

No capítulo IV Reich vai discutir exatamente a técnica que dá nome ao livro, e o faz principalmente através de exemplos de casos clínicos. Novamente aqui faz algumas referências aos pontos de vista topográfico, dinâmico e econômico, trazendo sempre relações e ancoramentos teóricos da técnica da análise do caráter nesses pontos. Faz também esforços de diferenciar aquilo que se relaciona com o caráter, definindo “resistência” e “resistência de caráter”, por exemplo, ou então mostrando pontos que diferenciam um sintoma neurótico de um traço de caráter. Nesse capítulo ficam explícitas diferenças entre a psicanálise e a análise do caráter, assim como também que essa advém daquela.

PRESTAÇÃO DE CONTAS: JANEIRO DE 2019

Pessoas Apoiando

Categoria “Chegando Junto”

- Laércio Mendonça
- Tamyres Simplício
- Vinícius Andrade

Categoria “Levantando a Mão Para Perguntar”

- Paula Xisto
- Pessoa não-identificada 02

Categoria “Somando, um Trocadilho Grego”

- Carmen Vitória
- Pessoa não-identificada 01

Categoria “Multiplicando Vozes”

Categoria “Colocando na Estante”

Categoria “Categoria Preceptor”

- Lizia Regina
- Armando Daniel
- Wriacy Simões

Contribuições Financeiras

Total arrecadado: R\$3.922,98

Total arrecadado no mês: R\$895,97

Total gasto no mês: R\$605,80

Mais um mês em que conseguimos bater a meta mensal – muito obrigada a todas vocês por isso! Ainda estamos em um cenário um tanto quanto frágil, pois além de termos poucas pessoas contribuindo (não que conseguir mobilizar 10 pessoas seja pouca coisa, mas é que a proposta inicial do Projeto era conseguir diluir o valor entre o maior número de pessoas possível – tínhamos a meta de 63 pessoas contribuindo com R\$10,00), também não estamos conseguindo manter as mesmas pessoas contribuindo todos os meses.

Em relação aos gastos, nesse mês também foi possível ir e voltar caminhando da/para a Central, economizando então as passagens de metrô. Não houve saque esse mês pois algumas contribuições foram entregues em mãos perto da data do curso, além de uma dificuldade prática de ir ao banco. Para ver a prestação de contas mais detalhada e conferir o extrato bancário, acesse a página Prestação de Contas no blog!

INDICAÇÃO DO MÊS - A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO

O antropólogo francês Pierre Clastres escreveu um livro chamado “A Sociedade Contra o Estado” que possui um capítulo com o mesmo nome; a indicação desse mês é a leitura desse capítulo. Embora certamente o livro como um todo seja interessante, é muito mais voltado para quem se interessa diretamente por antropologia e, mesmo dentro dessa, por um campo específico. Já a leitura do último capítulo da obra, acredito, beneficiará diretamente qualquer pessoa que a ler.

No texto, Clastres questiona a noção de que existe uma evolução natural de grupos tribais para sociedades com a presença do Estado; como ele demonstra, as sociedades ditas arcaicas são quase sempre classificadas negativamente, sob a insígnia da falta: sociedades sem Estado, sociedades sem escrita, sociedades sem história. Mas a pesquisa de Clastres o leva à conclusão oposta, de que as sociedades ditas primitivas não podem ser caracterizadas pelos que acreditamos que lhes falta, mas sim pelo que elas deliberadamente rejeitam. Se algumas sociedades não possuem Estado é porque elas ativamente se opõe à criação de um e se organizam para prevenir seu aparecimento.

Para Clastres, as sociedades ditas primitivas não são um depósito de arcaísmos, vivendo fora da história; elas são o resultado de estratégias conscientes para evitar e prevenir o surgimento do Estado – esse só surge segundo uma série de acidentes históricos, um conjunto de fatores que destroem o modo de vida das civilizações tribais. Clastres oferece algumas hipóteses para essa ruptura. Uma delas é a demogafia: o modelo dito primitivo só pode funcionar enquanto as pessoas não são em número muito grande. A dispersão populacional do modelo tribal previne a formação de grupamentos sócio-políticos que aglomerariam grupos locais em um todo coerente. Um outro fator explorado por Clastres que poderia levar à formação do Estado seria a rivalidade entre chefes e profetas; o chefe nas sociedades ditas primitivas era destituído de tod poder, ele apenas existia para ocupar o espaço estrutural devotado ao poder, para prevenir que alguém que realmente tivesse algum poder ocupasse esse local. O chefe vive sobre o controle vigilante do coletivo, e

a sua única gratificação é o falso salário do prestígio. Já os profetas tinham o poder de unificar as tribos e liderá-las em peregrinações por todo o continente buscando a Terra Sem O Mal. Assim, eles podiam fazer aquilo que era negado aos chefes: reunir as pessoas, dizer-lhes o que fazer e ser seguidos por elas; dessa forma, um chefe-profeta na forma de um líder religioso poderia ter criado um império a partir de elementos dispersos.

Tanto pela sua filiação acadêmica (não é um texto destinado ao público em geral, mas aos seus pares antropólogos) quanto pela morte prematura de seu autor (Clastres morreu em um acidente de carro com 44 anos, o que lhe impediu de dar prosseguimento à sua obra), “A Sociedade Contra o Estado” não é um texto “fechado”; pelo contrário, é uma obra cheia de afirmações que não são comprovadas em seu material, mas necessitam de pesquisa bibliográfica ou erudição na área de antropologia para se conhecer sua validade. Apesar desses complicadores, o trabalho de Clastres continua sendo um marco importante para aquelas pessoas que almejam viver de outra forma e estão dispostas a questionar ser pressupostos na busca por uma vida mais justa e igualitária.

CURIOSIDADES HISTÓRICAS



Hercules Florence (1804 – 1879)

Foi um inventor e pintor, conhecido como inventor isolado da fotografia no Brasil (seis anos depois de Niépce e três anos antes de Daguerre) usando a matrix positivo/negativo, ainda em uso. Já se referia ao seu processo como *photographie* (em língua francesa) em 1834, ao menos quatro anos antes de John Herschel cunhar o termo *photography* (em inglês).

Hércules Florence veio ao Brasil como membro da tripulação de um navio de guerra, Marie Thérèse, desembarcando no Rio de Janeiro em 1824; a essa época já era um desenhista e pintor de talento e muitos interesses científicos. Participou junto com Johann Moritz Rugendas e Adrien Tunay da expedição à Amazônia liderada pelo cônsul geral do império russo no Brasil, Baron von Langsdorff. Deixou o manuscrito de seu diário com Félix Taunay, irmão de seu companheiro de viagem; o manuscrito foi traduzido para o português (havia sido escrito em francês) e publicado mais de quarenta anos depois pelo filho de Félix, o historiador Alfredo D'Escragnolle Tunay. Após voltar da expedição foi casado com Maria Angélica Vasconcellos e, após a morte desta, casou-se com Carolina Krug, com quem fundou, em 1863, uma escola para meninas, a Florence College, inicialmente sediada em Campinas e depois se mudando para Jundiaí.

Em 1830 procurou um jeito de simplificar a impressão das suas mais de 200 ilustrações feitas durante a Expedição Langsdorff (até então ele usava xilografia e litografia, que são caras e demoradas) inventou um novo processo, semelhante ao mimeógrafo, que batizou de “polygraphia”, começando a usá-lo comercialmente em sua gráfica. Com o desenvolvimento de sua técnica, foi capaz de fazer promissórias de banco infalsificáveis.

Em 1832, com a ajuda de seu amigo farmacêutico Joaquim Correa de Mello, Florence começou a estudar meios de fixar permanentemente as imagens da câmera obscura, que ele nomeou de “photographia”. Nunca foi reconhecido internacionalmente como um dos inventores da fotografia, parte por nunca ter publicado suas invenções adequadamente, parte por ser um inventor obscuro vivendo numa província afastada das grandes metrópoles e subdesenvolvida.

Gerônimo Apache (1829 – 1909)

Gerônimo foi um proeminente líder e médico do bando Bedonkohe da tribo Apache norte-americana. De 1850 até 1886 Geronimo se uniu com membros de outros três bandos Apaches Chiricahua (os Tchihende, os Tsokanende e os Nednhi) para executar vários ataques-surpresas assim como para resistir à campanha militar dos Estados Unidos (nos territórios do Novo México e Arizona) e México (nos estados de Chihuahua e Sonora). Os ataques liderados por Gerônimo e os combates relativos a eles foram parte do conflito entre Apaches e Estados Unidos, que iniciou com a assentamento Americano nas terras dos Apaches logo depois do fim da guerra com o México em 1848. Ainda que muito conhecido, Gerônimo não era um chefe entre os Chiricahua ou no bando Bedonkohe. Apesar disso, como era um excelente líder nos ataques-surpresa e na guerra, ele frequentemente liderava um grande número de homens e mulheres que lhe seguiam livremente.



Em 5 de março de 1858 uma companhia de 400 soldados mexicanos liderados pelo coronel José María Carrasco atacaram o acampamento aonde vivia Gerônimo enquanto os homens estavam na cidade fazendo trocas; entre as vítimas estavam sua mulher, seus três filhos e sua mãe. A perda de sua família fez com que Gerônimo odiasse todos os mexicanos pelo resto de sua vida; ele e seu grupo frequentemente atacavam e matavam todo e qualquer grupo de mexicanos que encontrassem. Seu chefe, “Mangas Vermelhas”, enviou Gerônimo para o bando de Cochise para ajudar na vingança contra os mexicanos – e foi durante essa batalha que o nome *Gerônimo* surgiu – seu nome original era algo como Goyalé, “aquele que boceja”. Ignorando a saraivada de balas em sua direção, ele atacava os soldados mexicanos com uma faca, que pediam ajuda a São Jerônimo.

Após esse episódio Gerônimo viveu uma vida de conflitos e ataques aos mexicanos e norte-americanos, se opondo ao enclausuramento nas reservas que era imposto pelo governo dos Estados Unidos. Gerônimo só foi pego pois se entregou, e viveu o resto da sua vida como prisioneiro de guerra dos Estados Unidos.



MANDELA É SOLTO

Nelson Rolihlahla Mandela foi um revolucionário sul-africano contra o apartheid, líder político e filantropo que ocupou o cargo de presidente da África do Sul entre 1994 e 1999. Ele foi o primeiro chefe de estado negro do país e o primeiro a ser eleito em uma eleição efetivamente democrática (dentro dos

limites da democracia burguesa, obviamente). Seu governo se focou em desarticular o legado do apartheid atacando o racismo institucional e buscando a reconciliação racial. Ideologicamente Mandela pode ser visto como um nacionalista e socialista (talvez mais alinhado a uma corrente social-democrata) e foi presidente do partido do Congresso Nacional Africano (*African National Congress party*, ANC) entre 1991 e 1997.

Tendo estudado direito, Mandela trabalhou como advogado em Johannesburg e lá se envolveu com movimentos anti-coloniais e nacionalistas africanos, se juntando ao ANC em 1943 e co-fundando a sua Liga Juvenil em 1944. Com a instalação do regime segregacionista racial, o apartheid, Mandela e o ANC se comprometeram à sua derrubada. Entre suas atividades nesse período, Mandela foi preso várias vezes mas nunca chegou a ser sentenciado. Somente quando se juntou secretamente ao Partido Comunista Sul-Africano (*South African Communist Party* - SACP) e iniciou uma campanha de sabotagem ao governo é que foi preso em 1962 e condenado à prisão perpétua.

Mandela passou 27 anos na prisão, e somente com o crescimento da pressão interna e internacional que o presidente F. W. de Klerk o libertou em 1990. Mandela e de Klerk lideraram os esforços para negociar um fim ao apartheid, que resultaram na eleição geral multiracial de 1994, aonde a figura de Mandela teve impacto decisivo na vitória do ANC e ele se tornou presidente da África do Sul. Criando um governo de ampla coalizão que promulgou uma nova constituição, Mandela colocou muita ênfase na reconciliação racial e criou a Comissão da Verdade e Reconciliação para investigar os abusos aos direitos humanos do passado.

Ao sair da prisão Mandela discursou sobre o seu compromisso com a paz e a reconciliação com a minoria branca, mas deixou claro que a luta armada no ANC ainda não havia chegado ao fim e deveria continuar como uma “pura ação defensiva contra a violência do apartheid”.